



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 19/08/2022 a 25/08/2022

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>19/08/2022</b>	14,88	448,70	67,90	7,53	6,26
<b>22/08/2022</b>	15,27	460,50	68,77	7,70	6,33
<b>23/08/2022</b>	15,66	468,50	69,59	7,82	6,60
<b>24/08/2022</b>	15,60	467,70	68,77	7,95	6,65
<b>25/08/2022</b>	15,52	458,00	69,09	7,69	6,57
<b>Média</b>	<b>15,39</b>	<b>460,68</b>	<b>68,82</b>	<b>7,74</b>	<b>6,48</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	174,00	
RS – Não Me Toque	174,00	
RS – Londrina	167,00	
PR – Cascavel	169,00	
MT – C.N.Parecis	160,00	
MS – Maracaju	171,00	
GO - Rio Verde	164,00	
BA – L.E.Magalhães	176,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	90,00	CIF
Porto de Paranaguá	91,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	82,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	76,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	72,00	
SP – Itapetininga	78,00	
SP – Campinas	84,00	CIF
GO – Rio Verde	74,00	
GO – Jataí	74,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	100,00	
RS – Não Me Toque	100,00	
PR – Londrina	108,00	
PR – Cascavel	110,00	

Período: 24/08/2022

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 25/08/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	82,41	172,41	100,65

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
25/08/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	75,79
Feijão (saco 60 Kg)	239,17
Sorgo (saco 60 Kg)	63,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,33
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,94**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,49

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Julho/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, registraram um movimento de alta consistente durante esta semana. O primeiro mês cotado chegou a bater em US\$ 15,66/bushel. Entretanto, a partir da quarta-feira (24), a tomada de lucros por parte dos operadores especulativos forçou um recuo no valor do bushel. Com isso, o fechamento na quinta-feira (25), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 15,52, contra US\$ 14,95/bushel uma semana antes.

O foco do mercado continua sendo o clima nos EUA, nesta reta final da safra da oleaginosa (a colheita se inicia na segunda quinzena de setembro). Neste sentido, apesar das chuvas ocorridas em parte das regiões produtoras estadunidenses na semana anterior, o USDA reduziu o índice de lavouras em boas condições. Assim, até o dia 21/08 as lavouras entre boas a excelentes condições atingiam 57% do total, contra 58% na semana anterior e diante de uma expectativa do mercado em 59%. Outras 30% estavam em situação regular e 13% em condições ruins a muito ruins. Cerca de 97% das lavouras estavam em florescimento e 84% em formação de vagens, contra 86% na média histórica.

Por sua vez, os embarques de soja pelos EUA, na semana encerrada em 18/08, atingiram a 686.583 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, no total do atual ano comercial, os EUA já embarcaram 56 milhões de toneladas de soja, contra mais de 59 milhões no mesmo período do ano anterior.

Pelo lado da demanda, alguns indicadores no mercado chinês apontam que suas compras possam crescer novamente nas próximas semanas. Entre setembro e dezembro a soja dos EUA é mais barata, sendo neste mercado que os chineses viriam com maior intensidade, se vierem realmente. Consta que a China já teria comprado 20 navios de soja na semana retrasada e outros 11 a 13 navios nesta última semana. De origem brasileira seriam outros 8 navios e dois outros da Argentina e Uruguai. O que tem ajudado os EUA é a queda dos prêmios, a queda dos fretes e a redução da diferença do frete entre o Golfo do México e o porto de Santos. Este spread normalmente gira em torno de 9 a 10 dólares por tonelada, e tem estado agora em 6 dólares. Além disso, surgem informações de que negócios com a oleaginosa, para embarque em dezembro, registram prêmios de até US\$ 3,03/bushel sobre o contrato janeiro na Bolsa de Chicago, a partir do Golfo. Este prêmio apresenta uma queda de 40 centavos desde o começo de agosto, além do próprio recuo no valor do bushel em Chicago, na comparação com meses atrás. Assim, a soja importada está ficando mais barata, melhorando a margem para as indústrias chinesas. A combinação é boa, com a queda do custo da matéria-prima, aumento da produção de rações, baixa cobertura das fábricas e queda dos estoques internos de farelo. De fato, as margens de esmagamento junto às indústrias chinesas, embora ainda no vermelho, passaram de US\$ 80,00/tonelada para US\$ 40,00, diminuindo o prejuízo das mesmas. Enfim, a China ainda precisaria comprar entre 23 a 24 milhões de toneladas de soja até janeiro, lembrando que seus estoques de farelo estão baixos e as margens dos suinocultores locais melhoraram muito, embora ainda não reponham o prejuízo acumulado nos últimos meses. Vale ainda destacar que a China enfrenta, agora, uma grande seca, o que pode impactar nas importações de grãos. Por enquanto, o fenômeno climático atinge as áreas de arroz e não a soja, mas será preciso monitorar o quadro nas próximas semanas. Nesse momento, a área atingida não é muito expressiva. Segundo

o Ministério de Recursos Hídricos da China, são, aproximadamente, 645.000 hectares com plantações que sofrem com a onda de calor severa e a falta de água. (cf. Agrinvest Commodities)

Dito isso, aqui no Brasil os preços melhoraram um pouco, apesar do câmbio permanecer na faixa entre R\$ 5,10 e R\$ 5,20/dólar, com pouca oscilação nestes últimos tempos, mesmo diante da proximidade das eleições presidenciais. Assim, a média no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 172,41/saco, com as principais praças locais trabalhando com R\$ 174,00. Nas demais praças nacionais o saco de soja oscilou entre R\$ 160,00 e R\$ 176,00.

Apesar da expectativa de uma recuperação próxima nas compras chinesas de soja, o mercado continua impactado pelo fato de que a China registra menor demanda neste ano, devendo importar entre 90 a 91 milhões de toneladas da oleaginosa, ou seja, quase 10% abaixo da safra passada e o menor volume das últimas três temporadas.

Já no Mato Grosso do Sul, o custo de produção da soja, para a safra 2022/23, deverá aumentar 26,6%, atingindo a R\$ 6.860,08/hectare. O cálculo considera fatores como despesas diretas e indiretas, custos fixos e variáveis. Entre eles, o custo variável, que engloba insumos como sementes, fertilizantes, fungicidas, herbicidas e inseticidas, é o maior responsável pelo aumento, com participação de 91,17% no custo total. Na conversão para saco, o custo representa cerca de 43 sacos por hectare, ao preço de R\$ 160,00 o saco. (cf. Aprosoja/MS)

Enfim, a Conab consolidou os dados da safra 2021/22 de soja no Brasil. A produção nacional teria ficado em 124 milhões de toneladas, colhidas sobre 40,95 milhões de hectares. Já as projeções para 2022/23 dão conta de uma área recorde de 42,88 milhões de hectares. Grande parte dos resultados positivos no país, além do clima, se deve aos produtores de sementes, conhecidos igualmente por multiplicadores, os quais permitem disponibilizar as novas pesquisas e tecnologias, através de novas cultivares, junto aos produtores rurais brasileiros.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram bem durante a presente semana, puxadas por problemas climáticos em algumas regiões produtoras dos EUA, os quais levam o mercado a temer perdas na produção final. No dia 24/08 o bushel do cereal chegou a atingir US\$ 6,65, porém, na quinta-feira (25) um ajuste técnico trouxe o produto para US\$ 6,57/bushel, para o primeiro mês cotado. Mesmo assim, bem mais elevado do que o valor de US\$ 6,19 obtido uma semana antes, lembrando que no início do mês Chicago chegou a trabalhar em US\$ 5,91/bushel.

Confirmando estas preocupações climáticas, o USDA informou que, até o dia 21/08, as lavouras entre boas a excelentes condições nos EUA haviam recuado de 57% para 55% do total. Outras 27% estavam regulares e 17% entre ruins a muito ruins. Do total semeado, 97% estavam em fase de embonecamento, com 75% em fase de enchimento de grãos.

Pelo lado dos embarques semanais de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 18/08 o país norte-americano embarcou 740.508 toneladas, com o volume igualmente ficando dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o total exportado, no ano 2021/22, chega a 53,8 milhões de toneladas de milho, porém, ainda muito distante das 65 milhões de toneladas exportadas no mesmo período do ano anterior.

Aqui no Brasil, os preços se mantiveram firmes, nos níveis da semana anterior, com algum viés de alta, em determinadas regiões, sustentados pelas fortes exportações do cereal, apesar da importante oferta proveniente da safrinha. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 82,41/saco. Nas demais praças nacionais o saco de milho oscilou entre R\$ 66,00 e R\$ 84,00.

Já na B3, no fechamento da quarta-feira (24), para comparação, o contrato setembro ficou em R\$ 85,27/saco; novembro em R\$ 87,98, janeiro em R\$ 91,50, e março/23 em R\$ 94,45/saco.

Dito isso, a colheita da safrinha deste ano, até o dia 18/08, atingia a 90% da área cultivada no Centro-Sul brasileiro, estando quase 11 pontos percentuais acima do que havia sido colhido no mesmo período do ano anterior. (cf. AgRural)

Especificamente no Estado do Paraná, a colheita atingia a 84%, sendo que 66% das lavouras que restavam colher apresentavam boas condições. Por sua vez, o Paraná iniciou seu plantio do milho de verão, chegando a 1% da área esperada no início da presente semana. (cf. Deral)

Enquanto isso, no Mato Grosso do Sul, até o dia 19/08, em torno de 50% das lavouras locais do milho safrinha haviam sido colhidas, ficando bem abaixo dos 74,2% da média histórica. Das lavouras que faltavam colher, 80,8% se apresentavam em boas condições. Preocupa o fato de que, entre os dias 15 e 18 de agosto, o Estado sofreu com fortes vendavais, fato que pode ter prejudicado muitas lavouras. Mesmo assim, a estimativa é de uma produção final se mantendo em 9,34 milhões de toneladas, com produtividade média estimada em 78,1 sacos/hectare. Já o preço médio do saco de milho naquele Estado subiu, passando para R\$ 70,06 nesta última semana. Apesar disso, na comparação anual, o atual preço é 21,6% menor do que os R\$ 88,05/saco praticados em agosto de 2021. Até o dia 19/08 os produtores sul-matogrossenses haviam negociado 33% de toda a safrinha de 2022, correspondendo a 29 pontos percentuais abaixo do que havia sido um ano atrás. (cf. Famasul)

Já pelo lado das exportações do cereal, entre janeiro e julho do corrente ano as mesmas aumentaram 85,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. Este crescimento se deve ao fato de que o Brasil vem ocupando o espaço deixado pela Ucrânia, devido a guerra com a Rússia. Neste contexto, é possível que a demanda externa pelo milho brasileiro aumente nos próximos meses. Caso isso ocorra, os preços locais tendem a ficar nos atuais níveis, interrompendo seu movimento de recuo devido a pressão da safrinha recorde. Mas, por enquanto, isso é apenas uma possibilidade e não uma certeza, pois a Ucrânia já começou a liberar suas exportações, após acordo feito com a Rússia e intermediado pela ONU e a Turquia.

Em termos mensais, nos primeiros 15 dias úteis de agosto o Brasil exportou 4,71 milhões de toneladas de milho. Este volume já representa 8,6% a mais do que todo o volume exportado em agosto de 2021. Assim, a média diária de embarques é superior em 59,3% à média de agosto do ano passado. (cf. Secex)

Por sua vez, a Anec mantém sua projeção de exportações totais no corrente ano em 43 milhões de toneladas, especialmente se a China iniciar suas compras no Brasil ainda neste ano. O preço da tonelada exportada, em um ano, subiu 41,6%, passando de US\$ 192,10 em agosto de 2021, para US\$ 271,90 em agosto de 2022.

A Anec ainda estima que o total de milho, a ser exportado pelo Brasil, em agosto, deverá atingir a 7,5 milhões de toneladas. Em se confirmando este volume, os embarques brasileiros de milho, nos oito primeiros meses do corrente ano, chegariam a 19,6 milhões de toneladas, se aproximando dos 20,6 milhões exportados em todo o ano passado.

Já pelo lado da importação, o volume comprado no exterior, nos primeiros 15 dias de agosto, chegou a 208.146 toneladas, o que significa que neste período o país já recebeu 42,8% a mais do que todo o mês de agosto de 2021. Com isso, a média diária do atual mês de agosto é de 109,5% a mais de importação do que agosto do ano passado. O preço da tonelada importada recuou 13,3% em 12 meses, passando de US\$ 253,60, em agosto de 2021, para US\$ 219,90 atualmente.

A título de informação, importante se faz destacar que as importações de fertilizantes, pelo Brasil, cresceram 15,4% no acumulado do primeiro semestre do corrente ano, na comparação com igual período do ano passado.

Enfim, em reunião realizada em Brasília no dia 19/08, representantes da China confirmaram a queda de alguns protocolos sanitários para a importação do milho nacional já na atual safra. Esse ainda não é um sinal verde para o início dos embarques, já que há algumas dúvidas quanto a mistura de sementes e toxinas nos grãos, porém, é um passo importante nesta direção. A China afirma que os protocolos vão ser cobrados apenas em 2023, mas as empresas brasileiras estão com receio de fechar vendas e serem rejeitadas na chegada dos portos chineses. Isso trava os negócios no imediato. Pelo sim ou pelo não, em se confirmando as vendas para a China, haverá pressão altista sobre os preços internos do milho no Brasil. (cf. Pátria Negócios)

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, também se recuperaram nesta semana, em típico movimento de tomada de lucros pelos operadores, a partir de informações climáticas nos EUA e parte das regiões produtoras mundiais. O bushel de trigo atingiu a US\$ 7,95 no fechamento do dia 24/08, para o primeiro mês cotado, porém, na quinta-feira (25) também houve ajustes técnicos que trouxeram o produto para US\$ 7,69, contra US\$ 7,31/bushel uma semana antes.

A colheita do trigo de inverno nos EUA, no dia 21/08, atingia a 95% do total, contra a média histórica de 97%. Já a colheita do trigo de primavera atingia a 33% da área, contra 54% na média histórica para a data. Por sua vez, as condições das lavouras de trigo de primavera que ainda faltavam colher apresentavam 64% entre boas a excelentes, 28% regulares e 8% entre ruins a muito ruins.

Enquanto isso, pelo lado dos embarques de trigo por parte dos EUA, o país norte-americano chegou a 594.273 toneladas na semana encerrada em 18/08. Com isso, o total embarcado no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, atinge a 4,5 milhões de toneladas de trigo, contra mais de 5,7 milhões um ano atrás.

Por outro lado, na Ucrânia a colheita de trigo, apesar da guerra, já está 91% concluída no início da presente semana, com um total de 17,4 milhões de toneladas produzidas. O rendimento médio é de 4.000 quilos/hectare, lembrando que em 2021 a Ucrânia colheu 32,2 milhões de toneladas de trigo. Devido a guerra, a produção geral de todos os grãos, naquele país, pode recuar para 65 a 67 milhões de toneladas.

Enquanto isso, a exportação de trigo pela Rússia, em julho e agosto, deve totalizar 5,9 milhões de toneladas, com recuo de 27% diante do mesmo período do ano anterior, sendo este o menor volume para os dois primeiros meses do novo ano comercial 2022/23, desde o ano 2017/18, estimou a consultoria Sovecon.

E no Brasil, os preços do trigo cederam mais um pouco. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 100,65/saco, sendo que as principais praças do Estado registraram R\$ 100,00. Já no Paraná o produto oscilou entre R\$ 108,00 e R\$ 110,00/saco.

Quanto à futura colheita, o Paraná espera atingir a 3,9 milhões de toneladas de trigo neste ano, mas há relatos de perdas de lavouras devido a geada do final da semana anterior. Ainda é cedo para se estimar o volume das perdas, porém, esta realidade deve impedir que se alcance o volume indicado na produção.

De fato, segundo o Deral, a condição média das lavouras de trigo do Paraná piorou após a ocorrência de geadas na última semana, especialmente em áreas do sudoeste do Estado. Agora o órgão do governo estima que 80% das áreas estão em boas condições, sete pontos abaixo do visto na semana anterior, enquanto 17% estão em situação média (11% na semana anterior) e 3% estão ruins. Os prejuízos por geadas levam alguns dias para ficarem mais claros nas lavouras. Dito isso, o Paraná já colheu 2% de sua área de trigo até o início da presente semana. O Estado já tem 18% dos trigais em fase de maturação.

E no Rio Grande do Sul, com o plantio encerrado, a expectativa é de uma colheita de 4 milhões de toneladas, porém, algumas regiões também podem ter sofrido alguma perda com a geada. Para aumentar a preocupação, a meteorologia indica novas geadas para o início de setembro no Estado gaúcho.

De forma geral, o Brasil já teria colhido 4% de sua área de trigo, porém, o mercado continua bastante travado.